

Artesanias de um panô de memórias: apresentação de si e comunicação dos afetos¹

Handicrafts of a *panô* of memories: self-introduction and communication of affections

Artesanías de un *panô* de recuerdos: autopresentación y comunicación de afectos

Rita de Cássia Fraga da Costa²
Taiza Mara Rauen Moraes³

Recebido em: 28/6/2021
Aceito para publicação em: 10/2/2022

¹ Pesquisa realizada com Bolsa Capes/Prosc.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS) da Universidade da Região de Joinville (Univille).

³ Professora do PPGPCS da Univille.

Resumo: Este artigo tem como referência reflexões sobre as tessituras narrativas (auto)biográficas expressas em imagens de si na artesanaria de um panô de memórias. A questão de pesquisa é decorrente de um revisitamento ao registro narrativo de seis oficinas de artesanias produzidas com um grupo de idosos e de um panô de memórias – criado como apresentação de si, documento narrativo construído no campo da pesquisa-dissertação defendida em 2019. A proposta caracteriza-se como um revisitamento a uma experiência sensível em tessituras de narrativas (auto)biográficas expressas em imagens subjetivas. A abordagem tem viés cartográfico e narrativo, compreendendo a comunicação dos afetos como a chave da expressão da experiência humana. A ancoragem metodológica e conceitual da pesquisa cartográfica e narrativa possibilita investigar as apropriações das linguagens como (re)invenções, (re)criações, numa rede interativa de experimentos relacionais.

Palavras-chave: memórias; experiência narrativa (auto)biográfica; artesanias; comunicação; afetos.

Abstract: The article reflects on the (auto)biographical narrative weavings expressed in self-images in an artisanal *panô* of memories. The research question comes from a review of the narrative record of six craft workshops with a group of elderly people and a *panô* of memories—created as an introduction of themselves, a narrative document built in the research field-dissertation of 2019. The proposal is a revisiting of a sensitive experience in weavings of (auto)biographical narratives expressed in subjective images. The approach has a cartographic and narrative bias, understanding the communication of affections as the key to the expression of human experience. The methodological and conceptual basis of the cartographic and narrative research makes possible to investigate the appropriations of languages as (re)inventions, (re) creations, in an interactive network of relational experiments.

Keywords: memoirs; (auto)biographical narrative experience; handicrafts; communication; affections.

Resumen: El artículo tiene como referencia reflexiones sobre los tejidos narrativos (auto)biográficos expresados en imágenes de si en un tejido artesanal de recuerdos. La pregunta de investigación surge de la revisión del registro narrativo de seis talleres artesanales hechos con un grupo de personas mayores y un *panô* de recuerdos, creado como una presentación de ellos mismos, un documento narrativo construido en el campo de la investigación-disertación de 2019. La propuesta se caracteriza por volver a visitar una experiencia sensible en tejidos de narrativas (auto)biográficas expresadas en imágenes subjetivas. El enfoque tiene un sesgo cartográfico y narrativo, entendiendo la comunicación de los afectos como la clave para la expresión de la experiencia humana. La base metodológica y conceptual de la investigación cartográfica y narrativa permite investigar las apropiaciones de los lenguajes como (re)invenções, (re)creaciones, en una red interactiva de experimentos relacionales.

Palabras clave: memorias; experiencia narrativa (auto)biográfica; artesanías; comunicación; afectos.

INTRODUÇÃO

Na cartografia de um *panô*⁴ de memórias artesaniano⁵ de/com idosos tramado por experiências narrativas (auto)biográficas na tessitura têxtil de uma imagem, brotou a questão: como as artesanias narradas (auto)biograficamente em um panô de memórias expressam em imagens afetos na apresentação de si?

Apoiadas em Deleuze e Guattari (2011), seguimos por (des)dobramentos ao (re) visitarmos as imagens tecidas no decorrer de um projeto realizado em 6 oficinas de artesanias desenvolvidas em um Centro de Referência de Assistência Social (Cras) no sul do Brasil, com a participação de 11 idosos, entre 60 e 72 anos. Assim, cartografamos a tessitura de imagens narrativas (auto)biográficas construídas no campo da pesquisa-dissertação defendida em 2019.

O *panô de memórias* foi uma composição de quadros criados artesanalmente em (re)arranjos de fios e tecidos, em que inicialmente os artífices-interlocutores teceram individualmente imagens de suas memórias como apresentações de si e em seguida, cooperativamente, uniram suas produções em uma peça única. Trata-se de uma experiência em artesanaria que expressa recortes culturais nos (re)arranjos criativos, nas formas de estar em relação com os outros, em processos dialógicos com o mundo.

Partimos da observação do objeto da pesquisa enquanto criação elaborada “[...] no desejo de um trabalho benfeito por si mesmo”, saber/fazer/sentir que requer a afinação espaçotemporal dedicada ao entorno e ao ritmo de seu próprio sujeito criador, o artífice (SENNETT, 2020, p. 19). Pois, ao assimilar que a articulação de memórias dá contornos ao patrimônio cultural de um grupo social, buscamos, pelas artesanias de um panô de memórias, no revisitamento a essa experiência sensível em tessituras de narrativas (auto) biográficas expressas em imagens, acompanhar aspectos da composição subjetiva afirmados na comunicação de afetos.

Nas reflexões sobre a experiência de tramar uma apresentação de si numa imagem confeccionada artesanalmente com têxteis, consideramos que seus sujeitos criativos, os idosos, artífices-interlocutores, indiciam rastros de suas formações culturais e identitárias, demarcadas pelas escolhas na ação de expressar a sua/na sua experiência, e ainda, por outras palavras, somos provocados a interrogar: como a artesanaria vem atender a esse impulso de comunicar os (des)dobramentos em nós das relações entre ação e paixão?

No primeiro tópico, “A experiência narrativa (auto)biográfica nas artesanias de um panô de memórias”, abordaremos os desdobramentos das artesanias produzidas com um grupo de idosos, participantes de uma pesquisa narrativa produzida como uma proposta de educação sensível demarcada pela leitura da artesanaria como processo de vida.

Por meio do (re)visitamento a essa experiência, colhendo no entremear desse percurso pistas da efetuação de processos, o tópico “A criação de uma apresentação de si: memória e subjetividade” opera a leitura da produção subjetiva dos idosos com a/diante da imagem

⁴ Panô, de acordo com o Dicionário Aulete Digital, é uma “espécie de painel decorativo, com ou sem moldura, feito geralmente com um retângulo de tecido liso, ornamentado com pinturas e aplicações [F: Do francês *panneau*]” (PANÔ, 2021).

⁵ Artesaniado faz referência àquilo que foi elaborado na artesanaria, ação/reflexão do fazer/pensar/sentir artesanal e seu produto. A artesanaria e as ações do artesanariar são conceitos desenvolvidos na pesquisa/dissertação *Artesanaria: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade* (COSTA, 2019) e ampliados neste estudo. “[...] artesanariar pode ser um exercício ou uma ação, que nos propicie encontrar (revisitar) saberes e conhecimentos que façam parte de muitas gerações de nosso patrimônio imaterial. Também é experiência sensível devido à intrínseca necessidade de entrega ao fazer, ao se aventurar a construir (memória), ao experimentar com a integralidade de seus sentidos (percepção) e à disponibilidade do diálogo com o objeto desenvolvido e através deste (imaginação)” (COSTA, 2019, p. 39).

(DIDI-HUBERMAN, 2013, 2015), captando pistas da composição do Eu pela efetuação do devir (DELEUZE, 2018), na expressão de si no tecer (ADAMS; FAULKHEAD, 2012).

Na sequência, em “A comunicação dos afetos – algumas considerações”, mostramos que os afetos (DELEUZE, 2011; DELEUZE; GUATTARI, 2011) estão diretamente conectados às experiências das artesanias das narrativas (auto)biográficas em imagens do panô de memórias. A percepção de que os afetos refletem nos relacionamentos humanos desencadeou o entendimento dos vínculos entre a comunicação e a cultura.

E, por fim, no tópico “Efeitos e (in)conclusões” retomamos as ideias apontadas pelas pistas e os efeitos deste pesquisar.

A EXPERIÊNCIA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA NAS ARTESANIAS DE UM PANÔ DE MEMÓRIAS

O panô de memórias foi um quadro têxtil criado artesanalmente durante o desenvolvimento do campo de pesquisa de uma dissertação de mestrado em Educação, defendida em 2019 no programa de pós-graduação de uma universidade comunitária. A pesquisa obteve aprovação do comitê de ética institucional e a concordância de todos os seus nove idosos participantes.

Figura 1 – O panô de memórias



Fonte: Primária (2019)

Na dinâmica da produção das artesanias com idosos, os encontros constituíram-se como rodas de conversa, nas quais circulava um acervo de peças de referência cultural da região, servindo de disparador para as memórias do grupo participante. Com base no estímulo inicial, narrativas com passagens rememoradas das histórias de vida de cada um

dos idosos foram projetadas entre palavras, gestos e nas artesanias das imagens costuradas, bordadas ou pintadas sobre o quadro de tecido de algodão que lhes servia de tela.

Neste pesquisar, a artesanian remete à complexidade reflexiva em torno do fazer artesanal, um saber/fazer/sentir na criação e desenvolvimento de um artesanato ou, ainda, diz respeito à processualidade artesanal e seu produto, o artesanato (PETRYKOWSKI PEIXE *et al.*, 2014).

O desafio de compor de modo artesanal um panô com resíduos têxteis articulando tessituras de imagens de si resultou numa rede colaborativa que estimulou e acolheu as narrativas de seus interlocutores. Desse modo, o panô artesaniano comunica emoções, sentidos e memórias (re)significadas registradas nas imagens tecidas.

A relação entre as artesanias e as experiências narrativas expressa os movimentos da corporeidade:

Os [...] movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, têm uma relação profunda com a atividade narradora: já que esta também é, de certo modo, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável, participando assim da ligação secular entre mão e a voz, entre o gesto e a palavra (GAGNEBIN, 2012, p. 10-11).

E, nesse sentido, no acompanhamento do artesanian de narrativas no panô de memórias encontramos esse “caráter de comunidade entre vida e palavra [...]” (GAGNEBIN, 2012, p. 10-11). Ainda poderíamos dizer, de modo ampliado, que há uma comunidade entre vida e ponto-palavra, pois cada gesto que forma a imagem no têxtil imprime os afetos que percorreram essa rede da experiência narrativa articulada pelas artesanias. Desse modo, recobrou-se nessa ação a experiência de contar histórias elaboradas nos tempos e nos ritmos dos seus interlocutores. Uma experiência narrativa e estética, porquanto sensível.

Benjamin (2012, p. 217) diz que “o narrador retira o que ele conta da experiência: da sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” – movimento de (re)significação, apoiado na memória, na imaginação e no imaginário, que se (des)dobra na transmissibilidade de afetos que perpassam os corpos e os sentidos dos seus interlocutores.

Com base nesse entendimento, cartografamos as experiências narrativas que se constituem como artesanias de si em imagem, na composição do panô de memórias. As pistas analisadas foram perceptíveis nos gestos que compõem essas imagens têxteis como escritas/leituras de si. A trajetória de pesquisa foi desencadeada pela abertura de rizomas em uma “leitura louca”, como escreve Barthes (2012, p. 41), pois buscou-se “[...] captar a multiplicidade simultânea dos sentidos, dos pontos de vista, das estruturas, como um espaço estendido fora das leis [...]” (BARTHES, 2012, p. 41) – uma leitura para o fora, diferente de quando lemos

[...] como uma caixa que se remete a um dentro, e então vamos buscar seu significado, e aí, se formos ainda mais perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante. [...] E comentaremos, interpretaremos, pediremos explicações, escreveremos o livro do livro, ao infinito (DELEUZE, 2013, p. 17).

Portanto, analisamos a artesanian como uma imagem-corpo com pele tecida de têxteis, produzida por um escritor/leitor/narrador que “[...] não codifica, ele sobrecodifica, não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia” (BARTHES, 2012, p. 41).

Logo, o panô de memórias é uma composição de imagens-mapas, matérias do vivido e do vivível que constroem um inconsciente sobre elas mesmas; que estão abertas e são

conectáveis “[...] em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Nesse sentido, não é simples objeto, mas uma matéria viva, sujeito narrativo, que fala, que interpela, que questiona, que recorda, que comunica trazendo os sentidos e a experiência. Uma trama viva da materialidade das memórias que é contínua intermediação narrativa entre aqueles que se detiverem em suas imagens. Uma apresentação que é tecido vivo. Experiência narrativa que ao tecer transmuta a imagem em pele para apresentar a subjetividade do artífice-interlocutor, comunicando os afetos na potência do vivo. Assim, as imagens das narrativas artesanizadas são a forma de um Eu (re)significado diante do mundo, em toda intervenção de mediação que houver com suas imagens (ALMEIDA, 2021).

Para compreender a experiência narrativa contida nas tramas de um panô de imagens, foi necessário olhar além da representação imagética, pois as imagens são carregadas de um poder simbólico, mas também afetivo (ALMEIDA, 2021). Assim, na busca de encontrar as relações entre os interlocutores, e a própria experiência narrativa, sondamos a parcela de sonho, de desejo, de suspensão e/ou de (re)significação da realidade indiciados na tessitura de uma apresentação de si pela imagem.

A CRIAÇÃO DE UMA APRESENTAÇÃO DE SI: MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

Buscamos indiciar a produção subjetiva dos interlocutores com a/diante da imagem (DIDI-HUBERMAN, 2013, 2015), captando pistas da composição do Eu pela efetuação do devir (DELEUZE, 2018), na expressão de si no tecer (ADAMS; FAULKHEAD, 2012). Para tanto, partimos da ideia de que as tramas do panô de memórias são como um conjunto de imagens:

E por “imagem” entendemos uma certa coexistência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa – **uma existência situada a meio caminho entre a “coisa” e a “representação”** (BERGSON, 2010, p. 2, grifo nosso).

As tramas do panô de memórias, decorrentes de um processo criativo, resultam em imagens de experiências múltiplas, tanto para quem tece quanto para quem quer acompanhar/ser acompanhado pela imagem tecida, pois, seguindo as linhas dessa arteficialidade, (re)bordam-se outros novos (des)dobramentos, visto que diante da imagem nosso corpo reage e, entre percepções e afecções, vamos fazendo sempre outras *n* relações:

[...] acreditando apropriar-se do que acaba de aparecer e abstenho-se de considerar o que se segue, que é desistência, desaparecimento. Porque é um erro acreditar que, uma vez aparecida, a coisa está, permanece, resiste, persiste tal qual no tempo, como nosso espírito que a descreve e a conhece (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 9).

Colhemos na memória indícios para atribuir figura e permanência às imagens, fazendo-as persistir no tempo e na nossa imaginação, (re)vitalizando-as a cada lembrança em um movimento (movedição) de eterno recomeço – experiência interior revelada na aparição da imagem percebida/tecida, pois a imagem brotada na memória vem carregada da bagagem de outras imagens já conhecidas, de vivências acumuladas pelo corpo (pela percepção). Assim, no panô de memórias as imagens resultantes da expressão narrativa dos seus interlocutores (sujeitos que as tecem/percebem) são linguagens advindas das práticas socioculturais de seus sujeitos (acontecem entrelaçadas em heranças).

O panô de memórias não é, portanto, uma imagem decalcada, ou ainda um “decalque” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Essa artesanaria é um conjunto de multiplicidades das subjetividades tecidas como escrita/leitura de si em uma experiência narrativa. Portanto, é matéria do vivido e do vivível que constrói um inconsciente sobre ela mesma; que está aberta, comunicando as inumeráveis alterações constantes do vivo.

O tecer é uma abordagem eminentemente narrativa, e “[...] envolve autorreflexão”, como dizem Adams e Faulkhead (2012, p. 1.019). Somada a isso, a tessitura subjetiva em uma apresentação de si nessa artesanaria têxtil conserva a qualidade do “**momento** energético ou dinâmico” das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 34, grifo do autor).

A aparição que nos acontece na criação desse duplo eu/imagem tecido também é pensada aqui à luz da teoria das multiplicidades desenvolvida por Deleuze e Guattari (2011); ao considerarmos a relação entre corpo e imagem (sujeito e as coisas) decorrem linhas de intensidades (os devires) que transpassam, preenchem-se de potências, e, assim, esses estados de sintonias provocam o corpo a reagir (os afetamentos).

Damos destaque a essa experiência com/na imagem, a esse dinamismo que nos permite não cristalizar no tempo. Lidamos com o tempo-Todo, um tempo além do cronológico. Tempo-tecido (re)elaborado em constantes (re)atualizações, embebido em potências, em devires. Tempo-tecido em tramas que já não amarram verdades absolutas, mas sim tornam possíveis os presentes impossíveis (PELBART, 2015).

Tecer plural faz diferença a cada um que está disponível a se entregar, pois constrói-se no imaginar (na imagem) e/ou no (re)memorar a experiência vivida na ocasião da construção de suas tramas – entrega-experiência que se tece na apreensão das tramas têxteis, mas ainda nas tramas de subjetividades costuradas em aplicações de si que crescem para o fora em meios heterogêneos.

A COMUNICAÇÃO DOS AFETOS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No (re)visitamento às narrativas artesanizadas em imagens do panô de memórias dos idosos, entre (des)dobramentos cartográficos, colhemos duas ideias recorrentes nos percursos deste pesquisar. Falamos da comunicação e da cultura, ambas presentes nesse refletir/tecer/expressar de afetos, composição que dá corpo e alma ao panô de memórias.

A comunicação e a cultura são constituídas na teia múltipla dos afetos, e “a escolha dessa esfera de afetos nada tem de arbitrária” (FERRAZ, 2017, p. 33). Estamos a falar, mais precisamente, de *afectos*, relações entre ação e paixão, conceito desenvolvido com base na obra de Espinosa por Deleuze (2011), no texto “Espinosa e as três éticas”, e por Deleuze e Guattari (2010), quando escrevem o capítulo “Percepto, afecto e conceito”, no livro *O que é a Filosofia?*

Somados aos “perceptos”, conjunto de sensações (espírito) e percepções (corpo), os “afectos” formam o “bloco de sensações” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 193).

Os perceptos não mais são percepções [...]; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. [...] são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 193-194).

O afecto é devir sensível que “[...] não para de devir-outro (continuando a ser o que é)” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 209). Estamos, portanto, a falar do efeito que percorre os corpos, fruto das relações: do humano com seu mundo, do humano com as coisas. Essas ações dos corpos, nos corpos, na constituição de nossa expressividade, da compreensão de nós mesmos e do mundo, designam frutos de nossa atuação em elaborar ou mostrar os

signos. O signo “[...] pode ter vários sentidos. Mas é sempre um efeito” (DELEUZE, 2011, p. 177). Assim, “um efeito é, previamente, o vestígio de um corpo sobre outro, o estado de um corpo que tenha sofrido a ação de um outro corpo: um *affectio*” (DELEUZE, 2011, p. 177).

Pode-se pensar esse afetar (poder de ser afetado) como um estado de intensidades que pode variar para mais ou para menos, como “gênero de conhecimento, que também [...] [é modo] de existência ou de expressão” (DELEUZE, 2011, p. 177). Ou seja, “é algo que ocorre no instante, um corte no tempo que determina um aumento ou uma diminuição da nossa existência em relação ao estado que precedeu o momento atual” (TRENTO; VENANZONI, 2014, p. 112). Trata-se de um estado de sintonias que através do corpo compõem nossas redes por *performances* e interações expressivas, e, por fim, “[...] são o impulso necessário”, como afirma Deleuze (2011, p. 184), para tecermos nossas narrativas, na comunicação e na cultura.

Além da análise da discursividade na comunicação, estamos considerando, tal como Trento e Venanzoni (2014, p. 122), “[...] os afetos que atuam no campo pré-cognitivo e pré-significante. Significa pressupor que isso também é comunicação e admitir o poder de agência de todos os entes corporais ou não sobre outros”. Portanto, podemos considerar a existência de redes de relações e de afetos nas elaborações de si na interação com o mundo. “O humano, e a comunicação humana, neste prisma, podem ser vistos como participantes de uma ecologia de entes que se afetam” (TRENTO; VENANZONI, 2014, p. 123) – agenciamentos políticos entre corpos, corpos e coisas, corpos e diálogos em derivações topológicas, tais como no objeto de nossa pesquisa, diretamente atrelada às experiências sensíveis e às experiências narrativas (auto)biográficas nas artesanias em imagens com têxteis do panô de memórias.

Por fim, os afetos são fluxos de passagem das sensações que se conservam “[...] **na eternidade que coexiste com** [...] [a breve duração da matéria]” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 197, grifo do autor). A comunicação dos afetos nas narrativas artesanizadas em imagens de um panô de memórias implode as estruturas da significação, provocando suspensões em/por suas (im)permanências, pois inventa margens outras no andamento indeterminável do devir sensível.

EFEITOS E (IN)CONCLUSÕES

Nesse acompanhar de aspectos da composição subjetiva afirmados na experiência inter(ativa) no/pelo panô de memórias, espiando as interfaces das imagens como acontecimentos, pressupomos os devires transpostos pelo desejo de seus interlocutores de expressar sentidos e comunicar quem são, a cada momento realizado no instante volúvel do vivo. Portanto, nessa cartografia, o panô de memórias (re)surge como experiência narrativa autobiográfica, pois é via de efetuação e expressão humana.

A composição subjetiva é decorrente de um imbricamento de relações entre paixões e ações, e é a expressão da experiência humana que se efetua na comunicação dos afetos, nessa duração em que o Eu se realiza diante do mundo. Vislumbramos que os afetos fundamentam as nossas redes de relações, de tal modo que sociedade e cultura não lhes escapam. Nossas heranças, (im)permanências, (re)significações, todo nosso patrimônio sociocultural é fruto dessa mediação de potências afetivas, dessas disputas relacionais em que constituímos o tempo e o espaço, e/ou em que nos constituem.

Neste pesquisar, as pistas e os efeitos dão-nos indícios de que a experiência com as artesanias das narrativas em imagem como apresentação de si, no panô de memórias, atendeu ao impulso de comunicar os afetos. De tal modo, na multiplicidade desse rizoma alguns (des)dobramentos nos apontaram que o corpo experimenta as emoções que desejam ser anunciadas, e está no devir humano a busca por comunicá-las, desafio posto na

apropriação das linguagens em posturas que envolvem (re)invenções, (re)criações, numa rede interativa de escolhas em experimentos relacionais.

Nossas conclusões não são finais, mas, haja vista o exposto, (re)afirmamos que a experiência narrativa humana é ação articulada entre memória, imaginação e imaginário desdobrada na comunicação de afetos e dá contornos ao nosso patrimônio sociocultural. Contudo, ao artesanizar essa experiência (re)surge uma novação dos aspectos desse humano, como modo de (re)considerar o seu tempo, tempo-tecido, ritmo de efetuação e expressão do vivo, que sempre nos será particular e vital, no jogo da aparição/desaparição possibilitada na composição da apresentação de si em imagem.

REFERÊNCIAS

ADAMS, K.; FAULKHEAD, S. This is not a guide to Indigenous research partnerships. **Journal Information, Communication & Society**, v. 15, n. 7, p. 1016-1036, 2012. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/aprci/164/>. Acesso em: 20 maio 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2012.709260>

ALMEIDA, R. de. Cinema e imaginários contemporâneos. Palestra realizada no II Colóquio Nacional: Formação e Pesquisa – Educação, Arte e Cultura. Joinville, 2021. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZYvcnZn72A>. Acesso em: 9 jun. 2021.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1. (Obras escolhidas).

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

COSTA, R. de C. F. da. **Artesania**: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade. Orientadora: Sílvia Sell Duarte Pillotto. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502804/Rita_de_Cassia_Fraga_da_Costa.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. (Coleção Trans).

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção Trans).

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. **Falenas: ensaios sobre a aparição 2.** Tradução de Antônio Preto, Eduardo Brito, Mariana Pinto dos Santos, Rui Pires Cabral e Vanessa Brito. Lisboa: KKYM, 2015. (Coleção Imago).

FERRAZ, M. C. F. Afeto e comunicação: sobre as construções do medo. **Galaxia**, São Paulo, n. 35, p. 32-44, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554128395>. Acesso em: 18 maio 2021. ISSN 1982-2553.

GAGNEBIN, J. M. Prefácio. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. p. 7-20. v. 1. (Obras Escolhidas).

PANÔ. In: DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pan%C3%B4>. Acesso em: 3 jun. 2021.

PELBART, P. P. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2015. (Coleção Estudos).

PETRYKOWSKI PEIXE, R. I. *et al.* Projeto Desol na promoção da inovação social de empreendimentos em artesanato. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE DESIGN SUSTENTÁVEL, 5., 5 dez. 2014, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014. p. 41-47. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/1c59dd_80ca92a1c5834b6594197c5fdf73ce1f.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

SENNETT, R. **O artífice.** Tradução de Clóvis Marques. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

TRENTO, F. B.; VENANZONI, T. S. Afetos contemporâneos e comunicação: algumas perspectivas. **Rumores**, v. 8, n. 16, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/89641/92454/128211>. Acesso em: 16 maio 2021.